

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



Saberes e práticas nas fronteiras entre leitores e literatura negra na escola

Maisa Andrade de Jesus*¹, Maria Vitória da Silva ¹

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

* mayperola@hotmail.com

Trabalhos completos – GT 01 – Etnicidades, Educação e Memória

RESUMO

Professores mediadores de leitura literária, na Educação Básica, consolidam sua prática docente a partir de suas múltiplas experiências de internalização da exterioridade, com as quais se constituem pessoas, profissionais e leitores. O trabalho com a literatura no espaço escolar evoca um compromisso com a bibliodiversidade característica à própria diversidade étnica-racial do povo e da cultura brasileira. Tomou-se por objetivo central deste trabalho, a compreensão do atual cenário em que a literatura negra se encontra, enquanto bem cultural de professores mediadores de leitura literária, e como ela vem sendo apresentada na educação básica. A partir das narrativas de professores mediadores de leitura literária, buscou-se compreender suas relações com a leitura de literatura negra, e a incorporação desta às práticas pedagógicas no espaço escolar. Sob essa ótica, circunscrevem-se as fronteiras que permeiam os saberes e práticas de leitura literária em diferentes espaços escolares.

Palavras chave: Saberes, Práticas, Literatura Negra.

Como indivíduos políticos e históricos, professores participam da história em curso, imbuídos das mentalidades que forjam em contextos formativos diversos, sendo importante a investigação dos processos (formais e informais), que constroem tanto o percurso de apreensão do mundo e da realidade, quanto de externalização do apreendido, através das ações práticas e comunicativas, nas diversas relações sociais constituídas, dentro (e fora) da sala de aula.

A cultura ocidental, lugar de onde falamos, está estruturada sobre a lecto-escrita, principal modalidade de transmissão de conhecimento científico e escolar. Estrutura na qual se desenvolveu e se popularizou a arte literária, produzindo e difundindo, assim, através dos livros físicos e, mais recentemente, digitais, narrativas complexas quanto à linguagem, conteúdo e forma, que perduraram através dos tempos, podendo ser acessadas para

XX Semana de Educação da Pertença Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



além dos territórios de onde foram e são produzidas, mantendo a integralidade de seus contextos de produção nas mais diversas situações de interação entre leitor e texto.

A escola é um espaço social onde circulam uma diversidade de ideias, sensibilidades e experiências, traduzidas em ações e discursos que disputam territórios, e que, portanto, são conflituosos, por vezes violentos, opressores, invisibilizantes, silenciadores, negacionistas, discriminatórios e racistas. Neste contexto, o trabalho que ora apresentamos, é parte de uma pesquisa realizada em um curso de Especialização¹, com o objetivo de compreender como a constituição do repertório literário de professores-leitores, mediadores de leitura literária na escola, integram as práticas pedagógicas no processo de formação de outros leitores, entendendo que formar leitores é formar mentalidades e, portanto, posicionamentos sociais.

As práticas de mediação de leitura literária na escola, dependem diretamente do repertório cultural de cada professor, o qual se constitui, consciente e inconscientemente, repertório de ensino, forjado nas aprendizagens próprias da condição de formação de si enquanto leitor, antes mesmo de docente, de modo que os professores os aprendem não só com o que dizem seus mestres, em corpos físicos ou literários, mas também com as diversas interações que estabelecem ao longo de toda a vida. Essas aprendizagens, então, emergem como conteúdos dentro dos conteúdos de ensino, ação que representa o que Bourdieu (2011) chamou de *Habitus*. A prática pedagógica é, portanto, o espaço impossível da neutralidade.

Na seleção das literaturas com as quais desenvolvem seu trabalho, professores mediadores de leitura literária divergem, a partir do tipo de leitores que são: *funcional* ou *orgânico*. Chamamos de orgânico, o tipo de leitor que se relaciona com uma fluidez e constância da leitura literária, no seu cotidiano, no sentido em que deixar de realizá-la seria uma ausência

¹ Curso de Especialização em Etnicidades Educação e Decolonialidades, ofertado pelo ODEERE – Órgão de Educação e Relações Étnicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



percebida pelo organismo habituado. Já o leitor funcional, tem na ação leitora um tipo de tarefa, aquele que precisa ler para realização de algo. Em ambos os casos, apesar das diretrizes institucionais estruturantes das práticas pedagógicas, a pesquisa identificou que o exercício da autonomia de que goza professores-leitores orgânicos, se articula com maior criatividade do que o de professores-leitores funcionais. Comparemos alguns depoimentos dos participantes da pesquisa:

Participante 1

*Nós temos, aqui na escola, o planejamento anual. Então, cada unidade tem um tema e **diante desse tema é que eu procuro os livros pra eles lerem, por exemplo, a primeira unidade foi meio ambiente, [...] a terceira unidade é diversidade.** A gente tá trabalhando no foco.*

Participante 2

*Eu acabo escolhendo assim: **dentre as possibilidades que eu tenho dentro do sistema**, o SAE. Dentre esses livros eu **escolho aqueles que eu consigo encontrar em PDF**, porque aí eu dou possibilidade aos pais: ou eles comprarem ou eles fazerem a leitura pelo celular, pelo computador.*

Participante 3

"Eu indico de acordo com o currículo da escola e a faixa etária dos alunos."

Participante 4

*No caso aqui de Brasília era o PAS (Programa de Avaliação Seriado), mas eu tinha a liberdade de trabalhar com o que eu quisesse também, nas escolas particulares, (se referindo às duas cidades do interior da Bahia onde dá aulas) a gente se baseava, a terceira série nos vestibulares, na UESB, na UESC, na UNEB, mas eu sempre tive liberdade. E hoje, nas escolas públicas, eu tenho muita liberdade... **Eu tento unir o que é obrigatório àquilo que tem o meu olhar, que tenha a necessidade da turma**, então eu tento fazer estas duas coisas... eu não consigo acreditar que essa orientação tem que ser passada para mim por alguém que não está no chão da minha sala de aula, sabe, isso eu não consigo acreditar...*

Sabe-se que essas seleções são muito motivadas pela acessibilidade dos estudantes aos títulos. Todavia, ao priorizar este critério, os professores-leitores restringem suas buscas e leituras ao acervo disponível aos alunos, enquanto, na contramão desta prática, o professor-leitor orgânico percorre um caminho de acesso e seleção de dentro para fora, ou seja, partindo,

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



primeiramente, das leituras do próprio repertório e acervo, para a busca secundária por outras fontes de acesso e viabilização para que os estudantes possam ler.

Refletindo sobre a recepção, por parte dos professores-leitores, das obras a serem trabalhadas com os estudantes, o professor-leitor orgânico incorpora uma atitude crítica e ativa que é diretamente influenciada pela recepção que faz das obras lidas para si, de maneira apaixonada e envolvida; a experiência que vivenciou com a leitura das obras para si, as aprendizagens, a emoção, reaparecem como uma necessidade de compartilhamento e de apreensão por parte dos estudantes. Tal atitude não aparece nos professores-leitores funcionais, que recebem a obra tendo em vista os protocolos estruturantes do ensino que devem cumprir.

Outro fato que a pesquisa revela é que ainda que somente dois, dos quatro, participantes tenham declarado experiência docente com ambas as redes, pública e privada de ensino, vale ressaltar um elemento que se destaca em convergência nestes relatos, o fato de que ambos performam de modo distinto de uma rede para outra, em se tratando do trabalho com a literatura negra, apontando para um fator, de classe, condicionante e determinante das práticas docentes na comunidade e na cultura institucional onde atuam, evidenciando, mais uma vez, o papel desempenhado pela leitura de literatura negra em relação ao *habitus* docente, que tendo encarnado o lido desenvolve mecanismos de manifestação do conteúdo latente e potente mesmo em contextos desfavoráveis, como é possível distinguir nas declarações, a seguir:

Participante 2

Eu vejo essa diferença, posso tá enganada, o trabalhar do livro paradidático, voltado para essa questão na escola particular para escola pública, eu vejo uma diferença grande. É uma leitura que eu consigo mais abranger, eu consigo mais envolver os alunos de escola pública do que de escola particular.

Participante 4

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



...numa escola particular, em que 95% dos meus estudantes eram brancos e de classe média alta, eu sei que naquele momento eu não tava falando para o meu público, a minha raça, o meu igual enquanto pele, mas eu propunha a eles o expandir a bolha deles, então assim: quando a gente trabalha com uma Maria, Maria pra eles, da Conceição Evaristo, é empregada deles, não é a mãe deles, mas é empregada, né?! (...) então eu levava o aluno da escola particular a perceber isso, o local de privilégio que eles possuíam e como esse privilégio é muito bem estabilizado. Na escola pública eu já falo pro meu semelhante, eu já falo pro meu igual, eu já falo pra quem é da minha pele, então eu tento fazer com que eles se incomodem em não estar em determinados ambientes, aí sim, então quando eu levo a Maria da Conceição é a mãe dele, é a tia, é a irmã, talvez seja a própria pessoa, a Maria...

Como é possível evidenciar nos relatos, é notório a diferença no tratamento dado ao trabalho com a literatura negra ou com as temáticas raciais em cada espaço por cada um dos participantes, tendo ambos se autodeclarado negros. Todavia, temos, respectivamente, um tipo de leitor funcional, e outro orgânico. Assim, a forma de recepcionar o texto literário produzido por escritores negros e escritoras negras, é absolutamente diferente entre os tipos de professor-leitor, aquele que pelo texto foi interpelado, e dele construiu sentidos para si, a priori, para cocriar sentidos com os alunos, do outro que recepcionou o texto unicamente para ensinar um conteúdo.

A participante 2, professora-leitora funcional, teve pouco contato com literaturas negras, e argumenta que o trabalho com as temáticas raciais é melhor desenvolvido quando utiliza outros aportes textuais que não a literatura, pois para ela a leitura de literatura negra só dialoga com quem se identifica a partir de situações de discriminação racial, mas entende que é papel da escola trabalhar pelo viés da conscientização, ela diz

[...] a gente saiu um pouco do livro, pra eles fazerem essa pesquisa, relacionada a questão de discriminação no Brasil, vê reportagem, essas coisas... eu acho que essa questão da literatura, quando você trabalha numa sala de aula, você não consegue atingir todo mundo, por quê? Eu acho que é diferente da gente trabalhar o livro, porque só quem passa por essa situação é que toca, entendeu?! [...] eu trabalhei com o oitavo ano relacionado a isso, mas não com o livro [...] É pra conscientização deles mesmos, a conscientização, porque assim, eles levam tudo muito na brincadeira, [...] "ah, neguinho, ah, pretinho", [...] eles levam mais essa questão como uma brincadeira, então assim, a importância de você trabalhar.

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



A professora-leitora que faz esta declaração segue na contramão de tudo que a literatura é capaz de realizar, como argumentado por Morrison (2020), “o estudo da ficção pode ser também o mecanismo de reparo na desconexão entre o público e o privado”.

Zoara Failla (2019) alerta para a necessidade do como deve ser “essa mediação, baseada na construção de vínculos, no ‘encantamento’ e no compartilhamento das experiências de leitura”. Para um professor-leitor de tipo funcional, que recebe as obras de literatura de modo fragmentado, pouco envolvente ou como uma tarefa a ser estruturada para uma comunicação pedagógica, que cumpra as orientações curriculares legais, dificilmente terá experiências encantadoras de leitura para compartilhar, muito mais se o tratamento que dá as obras de autoria negra é para conscientização dEles, dos que estão do outro lado da fronteira, de onde se mantém uma distância segura, onde não há vínculos possíveis, e isso é traduzido pela professora (participante 2), ao escolher outros textos que não o literário - os do tipo informativo, destituídos de alma, de uma experiência visceral de que cumpre a literatura desvelar -, do outro lado, em contrapartida, os alunos respondem ao ensino proposto: algo distante deles, que não os “toca”, que não existe ou que pode se tratar apenas como uma “brincadeira”.

O que, então, podemos inferir sobre a mediação de leitura literária na escola, por parte de um professor-leitor orgânico?

*...eu sempre gostei de trabalhar com escritores que os meninos podem conhecer... e aí **eu tive que me virar** pra trazer uma literatura infanto-juvenil pra esses meninos - **um grande desafio!** Então a gente trabalhou com Rafael Calça, do Jeremias - Pele, **esse livro** é uma Graphic Novel, **é fabuloso**, é da marca Maurício de Souza, Jeremias é o personagem, trabalhamos todos com Rafael Calça... (participante 4).*

O professor-leitor orgânico que recebe a obra literária para si com paixão e envolvimento, transmuta a experiência vivida para a recepção das obras com que irá trabalhar com seus estudantes, abraça os desafios, aprende com eles, se encanta com a literatura selecionada, ainda que não seja seu

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16A20
NOVEMBRO
DE 2024



gênero de preferência, cria estratégias de encantamento e apreensão do texto a ser lido, sua atitude envolvente tem como resposta o envolvimento dos estudantes. Cada trabalho exitoso neste sentido, remonta no professor-leitor o desejo de poder ter conhecido todo esse universo encantador na idade em que seus alunos se encontram, o que retroalimenta seu compromisso e entusiasmo de oferecer mais, e que confirma o argumento de Toni Morrison (2020): "intervindo na intimidade estabelecida entre o leitor e a página, e forçando, se bem-sucedidas, uma meditação, um debate, uma discussão que necessita de outros sujeitos para sua plena exploração. Em suma, atos sociais completam a experiência de leitura."

A forma como os professores-leitores são afetados (ou não) pela literatura negra traduz-se na forma como predispõem-se a integrar tais literaturas ao trabalho pedagógico de mediação de leitura literária na escola. O modo como interiorizam qual seja a natureza da distinção destas obras, que as tornam elegíveis e necessárias (ou não) à formação crítica e humana dos sujeitos-leitores, reverbera na demarcação das fronteiras entre leitores e literaturas negras. Como vemos na diferenciação que fazem os participantes entre a literatura negra de outras literaturas:

Participante 1

Porque no caso da África são contos, né. Então aí, é folclore... o estilo da África, assim para o Brasil eu não vejo muita diferença não, pra dizer a verdade né, nessa parte do folclore. A África é isso, são contos folclóricos, pelo menos o que eu já vi, né.

Participante 2

A questão da literatura negra ela sempre volta pra essa questão, porque existe muitas pessoas que não acreditam que exista essa coisa do racismo, então os livros traz isso, mostrando essa questão... do racismo, diferente dos outros.

Participante 3

A diferença da temática que se refere a superação da sua marca histórica como negro/periférico.

Participante 4

A literatura de escritores e escritoras pretos e pretas, ela fala do meu

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



povo, ela fala daquilo que a minha pele sente, e é totalmente diferente.

Sabemos que é impossível prever o que vai emergir da relação entre professores e alunos, especialmente porque são múltiplos os contatos que cultivam cada habitus, e que estes não se restringem só ao espaço escolar, entretanto, refletindo sobre as diferentes relações que os professores-leitores estabelecem com a literatura negra, com a qual prevalece, majoritariamente, uma perspectiva reducionista, que vai desde uma compreensão folclórica da estética e do conteúdo, passando por uma literatura comprometida tão somente com seu aspecto político de denúncia e combate ao racismo no tratamento de seus temas, podemos inferir que precisaremos ainda de muito tempo para desenvolver um letramento literário crítico nas escolas, concomitante a um movimento de descolonização de saberes e práticas.

Podemos, provisoriamente, concluir que há um espaço a ser preenchido nas “estantes” dos professores mediadores de leitura literária na Educação Básica, no que tange a leitura e a prática pedagógica envolvendo a literatura negra. A integração dessa literatura ao repertório cultural desses professores-leitores, está ligada aos contextos arbitrários e não arbitrários de seleção, acesso e recepção de obras literárias, que são ao mesmo tempo esquemas estruturados e estruturantes do *habitus* dos professores-leitores.

Os resultados obtidos com a pesquisa possibilita aos espaços educacionais uma reflexão crítica e avaliação sobre suas práticas e currículos, entre o prescrito e o realizado, bem como o desenvolvimento de ações afirmativas que fortaleçam o trabalho com a literatura negra e a formação crítica de leitores, ações que vão desde a formação continuada de professores, e demais educadores que participam da comunidade escolar, para uma educação antirracista e uma fruição literária de obras escritas por autores negros, além da composição bibliodiversificada do acervo bibliográfico das escolas com obras de autoria negra, e a adoção de uma política de valorização dos saberes e das culturas experienciadas por

XX Semana de Educação da Pertinência Afro-Brasileira

VI Colóquio Internacional de Educação das Relações Étnicas
VII Encontro de Religiões de Matriz Africana
VII Fórum de Educação: Leis 10.639/03 e 11.645/08 Gênero e Diversidade sexual
VII Encontro Estadual de Educação das Relações Étnicas
II Festival das Artes: ancestralidades em movimento
IV Congresso Internacional de Educação, Língua, Cultura e Território - CIELCULTT

16 A 20
NOVEMBRO
DE 2024



pessoas dos diferentes grupos étnico-raciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

CUTI. **Literatura Negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FAILLA, Zoara. (Org.) **Retratos da Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: GMT edições, 2019.

LOUZADA, Daniel. (Org.) **Livro para todos - ensaios sobre a construção de um país de leitores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2021.

MORRISON, Toni. **A fonte da autoestima - ensaios, discursos e reflexões**. São Paulo: Companhia das letras, 2020. E-book em PDF.

MORRISON, Toni. **A origem dos outros - seis ensaios sobre racismo e literatura**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.